



Notícias do Mundo

sua maioria, assumiram crítica às narrativas da pós-modernidade, construídas pelas ciências humanas principalmente na França, que marcam o fim da história, a desconstrução dos sujeitos e da comunicação, e o descentramento do Estado como governo dos humanos. Como alternativas movimentaram o humano e o colocaram antes do pós-humano, e a discussão sobre política localizou-se nas já conhecidas e não menos perigosas palavras: democracia; linguagem única e fim da Babel; poder militar e constituição da nação; subjetividade e ordem.

Na mesa redonda que encerrou o evento, havia seis participantes e George Jabberwacky, um boneco virtual criado por uma empresa que trabalha com inteligência artificial. George interagiu com a platéia e com os demais componentes da mesa, deslocando as demarcações de humanidade que nele poderiam ser reconhecidas: vestuário, seus óculos amarelos e lentes verdes, e feições parecidas a Michel Foucault. Porém, o sofrimento foi o que George assumiu ter de mais humano.

Antonio Carlos Amorim

Professor da Faculdade de Educação da Unicamp, participou do evento com trabalho a respeito do cinema brasileiro e o jogo de representações do sujeito na multidão.



Rafael Evangelista

Um das maiores favelas de Nairobi, no Quênia, visitada por participantes do fórum

ENTREVISTA

Boaventura de Souza Santos: atenção para questões básicas de defesa da vida

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, um dos palestrantes mais frequentes do Fórum Social Mundial (FSM) acredita na força do evento como espaço promotor de diálogo entre diferentes movimentos. É desse diálogo que ele imagina estejam saindo as melhores respostas e alternativas ao capitalismo neoliberal, o que se convencionou chamar movimento contra-hegemônico.

Presente na última edição do FSM, em janeiro último no Quênia, o sociólogo falou sobre o diálogo intercultural que é preciso criar entre os movimentos, sobre o neocolonialismo que atinge os países pobres e sobre aquele que é um dos maiores problemas do continente africano hoje, a aids.

Qual a importância de se realizar um FSM na África?

A realização desse fórum no Quênia é uma das grandes vitórias do movimento, que se tornou um processo permanente. Ele teve a capacidade de sair de seu ninho original, que foi a capital gaúcha de Porto Alegre, no Brasil, o que muitos consideravam impossível. Mumbai, na Índia, em

MUN

2004, foi um grande desafio. Mas foi um grande fórum, bem organizado, com a crítica que precisávamos ouvir, que só poderia ter sido trazida por eles. Lá foi discutida a questão do fundamentalismo religioso, que nunca havia sido discutido a sério antes.

A questão das castas também, e lá estavam 33 mil dalits, os intocáveis. Aqui, em Nairobi, se passa exatamente o mesmo: tivemos alta presença africana, o que nunca havia ocorrido e era uma das grandes deficiências do fórum. Os africanos estiveram mais presentes nas sessões onde foram discutidos assuntos que os tocam e, com isso, levaram esses temas à primeira página do fórum. Que assuntos? A questão da terra, muitos estão sendo expulsos por causa da mineração, pela especulação urbana, pelos grandes projetos turísticos.

Outra questão fundamental é a água, pois esse é um continente com carência de água que, inclusive, está sendo privatizada, virando item de lucro, o que agrava ainda mais a situação. E tem o grave problema do HIV/aids: os suecos têm uma esperança de vida de 80 e tantos anos, enquanto em Moçambique a esperança é de 32. Essa disparidade explodiu aqui neste fórum, com a violência da desigualdade. São questões fundamentais para serem discutidas e talvez não aparecessem num fórum em outro continente.



Um dos acampamentos montados na capital queniana para o FSM

O FSM reúne diferentes movimentos sociais de todo o mundo. Existe alguma causa que os una?

A força do FSM é a diversidade. A possibilidade de nos dedicarmos a algumas causas específicas e sobre elas focarmos toda a nossa atenção tem sido sempre um problema e um fator de tensão. Realizar isso é muito difícil e exige uma tradução intercultural. Porque o que é prioritário para um não é para outros, a linguagem que uns usam não é a mesma usada por outros. É claro que é possível algumas ações em comum, como foi o caso dos protestos contra a guerra, em 2003. Uma ação propositiva é complexa e pode fazer com que alguns movimentos se excluam. Mas o que ocorre? Diferentes movimentos

estão concentrando sua força em diferentes áreas. A questão da água, por exemplo, não existia há cinco anos e hoje é um dos focos. A questão indígena aqui é fraca, mas na América Latina foi muito importante na construção do fórum e das agendas políticas regionais. Veja o impacto dela, de modo indireto, na Bolívia, no Equador e um pouco no Peru. Acho muito importante essa diversidade das ações, pois acaba aproveitando consensos regionais, como a luta contra a Área de Livre Comércio das Américas (Alca), uma das lutas intercontinentais de maior êxito.

A questão devastadora da aids pode ser uma força criativa para a luta social na África?



Notícias do Mundo

Isso eu chamo de novos básicos. Estamos num processo que, ao mesmo tempo que discutimos as questões mais avançadas, que inclui os direitos econômicos e sociais pelos quais temos que continuar a lutar, temos que prestar atenção em coisas tão básicas como a perda da vida perante a violência. Tivemos aqui relatos apresentados sobre crianças de seis anos, de Uganda, que são obrigadas à prostituição; ou sobre a violação da integridade física constante que é a mutilação genital. Ou seja, ainda é preciso tratar do que é mais básico para a dignidade humana e o HIV, para os africanos, acaba sendo um tema agregador, pois diz respeito às famílias, às escolas, à política, a todas as instâncias da vida. Toca a política para a juventude pois, num país em que a grande maioria são jovens, não pode haver uma política para idosos como a europeia e sim uma política para os jovens. Muitas organizações internacionais não entenderam isso e tentam aplicar aqui modelos europeus o que, para mim, é um novo tipo de colonialismo.

Um Fórum na África enfoca o colonialismo mais fortemente?

Sim, e é preciso pensar que o processo de descolonização aqui foi diferente do da América Latina, onde a independência foi mais voltada para os descendentes dos colonos, não para as populações nativas. Aqui foi

para as populações nativas. É um processo político distinto, que ocorre mais de um século depois. Aqui, a maioria dos países europeus, quando descolonizaram, a partir dos anos 1950, estabeleceram em seu lugar um pacto neocolonial. Perceberam que é mais fácil explorar, expropriar, através das relações comerciais com países livres do que mantê-los como colônias dispendiosas. O mesmo se dá com o Banco Mundial que promove a democracia, um bom sistema para o capitalismo atual.

O único colonialismo que escapou a isso foi o português, porque veio mais tarde e porque, em Portugal, a descolonização ocorreu durante a Revolução dos Cravos, em 1974. Um sinal disso foi que os dois únicos governos que foram, digamos, socialistas por algum tempo na África foram ex-colônias portuguesas, Angola e Moçambique.

Portanto, tudo é muito recente, estamos falando de 30 anos, e há uma forma de colonialismo que ainda persiste. Aliás, muitas das ONGs que estão aqui são dos mesmos países que colonizaram o continente, são as mesmas missões das igrejas católica e protestante. Claro, ainda bem, estão numa posição progressista, com uma agenda antineoliberal, na luta contra a pobreza. Porém, no fundo, as mesmas relações neocoloniais ainda estão presentes.

Rafael Evangelista
colaborou Renato Rovai

AQUECIMENTO GLOBAL

Pesquisador denuncia o lucrativo mercado de cotas de carbono

Enfim, parece que o planeta despertou para as evidências que o clima está mudando e que todos os alertas – tidos como alarmistas por muita gente de peso – disparados nas últimas décadas sobre aquecimento global eram mesmo para valer. Quando os Estados Unidos retiraram o apoio ao Protocolo de Kyoto, o mundo se uniu, incrédulo, em indignação. Eleito como solução mágica na época, a entrada em vigor do Protocolo tornou-se questão de honra para algumas organizações ambientais, que fizeram uma contagem regressiva sobre quantas assinaturas ainda eram necessárias. Nada mais ilusório, porém, aponta Larry Lohmann, pesquisador da fundação sueca DHF e autor do livro *Carbon trading*. Segundo ele, o Protocolo, e principalmente o comércio de carbono nele previsto, muda pouco o cenário mundial das emissões de carbono. Trata-se um mecanismo de mercado, pouco prático e nada efetivo, que promove o comércio do direito de poluir. Acabou funcionando de maneira perversa, ao drenar as